

O TURFISTA-APOSTADOR: APONTAMENTOS ETNOGRÁFICOS SOBRE A IDA A UM PRADO DE PELOTAS.

COSER, André Felippi¹; RIETH, Flávia²

¹Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em Ciências Sociais. andre.coser@yahoo.com.br;

²Universidade Federal de Pelotas, Leparq. riethuf@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de um projeto maior que busca fazer uma incursão no universo do turfe e aquilo que o envolve: suas significações, relações, práticas, saberes e sujeitos que o compõem. O turfe é um esporte de origem britânica, que promove corridas de cavalos e envolve criação e treinamento de cavalos, competição entre eles e apostas.

Nesse momento preliminar, apresentar-se-á os primeiros resultados das observações realizadas pelo pesquisador em uma casa de apostas em corridas de cavalos localizada na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. O foco principal é voltado para um agente importante do universo citado: o turfista-apostador.

A casa de apostas aqui tratada, caracterizou-se em todo o período como um ambiente estritamente masculino, onde homens constroem e convivem com alguns estigmas, como o do vício e da decadência.

2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para alcançar os objetivos propostos no trabalho, fez-se uso da prática etnográfica, através do método de observação participante. Etnografia, que segundo Gomes (2008, p.202) “é a tarefa de descrição detalhada e sistêmica do fenômeno a ser estudado”. A respeito dessa metodologia, Geertz também aponta um caminho interessante a percorrer:

[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, [...], manter um diário, e assim por diante. [...] O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”. (GEERTZ, 1989, p. 15)

No período que compreendeu o trabalho de campo (abril a julho de 2011) todas as percepções e fatos importantes foram descritas e sistematizadas em diário de campo. Além disso, por se tratar de uma imersão em uma casa de apostas em corridas de cavalo, buscou-se sempre fazer apostas e aprender os aspectos mais técnicos dos páreos (corridas) que estavam programadas para o dia. Essa postura, possibilitou uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado, criando o terreno possível para diálogos e informações até então inexistentes.

Os elementos teóricos que complementam as constatações empíricas da investigação, têm origem na obra “A interpretação das Culturas”, do antropólogo norte-americano Clifford Geertz. Publicado pela primeira vez em 1973, Geertz relata no nono capítulo da obra como a briga de galos é considerada um “jogo absorvente” na sociedade balinesa, atingindo dimensões maiores do que a de simplesmente um

jogo. É com este conceito, de “jogo absorvente”, que pretende-se subsidiar a discussão a seguir.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Turfe. Aqui tudo gira ao redor das corridas de cavalo, conhecidas popularmente como “carreiras”. Nas palavras de um turfista basta haver carreiras, mesmo que pelo televisor e alguns turfistas, que se está diante de um “prado”, local de concentração de turfistas, onde é possível fazer apostas; perder e ganhar dinheiro, mas não só isso.

É preciso esclarecer o uso do termo “turfista-apostador”, já que turfista (ou pradista) e apostador (ou jogador), não constituem a mesma coisa, embora o turfista aposte e o apostador aposte nas corridas. Resumidamente, o apostador joga em vários tipos de “jogos de azar” ao passo que o turfista só aposta em corridas de cavalo. O detalhamento desta diferenciação, será feito em outra oportunidade, já que agora o foco é o freqüentador do “prado”, o público turfista-apostador.

Foi em uma casa de apostas (ou prado) em Pelotas, RS, que observou-se por quatro meses um grupo turfista-apostador que nem sempre é o mesmo, e nem pode ser considerado coeso, mas freqüenta o mesmo lugar. O local é um confortável salão com doze mesas, climatizado, com espaço para fumantes, e o principal: dezessete televisores que transmitem páreos de hipódromos nacionais e internacionais ao vivo.

O público de freqüentadores é formado por homens de diversas idades, maiores de dezoito anos. Os jovens são poucos e com certeza minoria. A maior parcela é formada por homens de meia-idade ou mais, além disso, reúne pessoas de diversas classes sociais, já que a aposta mínima é de um real em corridas nacionais e dois reais nas internacionais.

O intervalo entre os páreos é pequeno, cerca de dez minutos, mas ocasionalmente diminui, havendo situações de largadas quase ao mesmo tempo. A maioria dos turfista-apostadores deixa para fazer sua aposta nos últimos instantes que precedem a largada. Por conta disso, às vezes os cinco guichês de aposta são tomados por filas e não há tempo de todas apostas serem feitas. Feita a aposta o turfista-apostador fica com a “pule”, comprovante da aposta para pagamento do prêmio.

Quanto a recepção em campo, pode-se dizer que inicialmente a presença do pesquisador foi ignorada. O comparecimento mais regular e as apostas mudaram um pouco esse panorama, porém, percebeu-se que continuar freqüentando o prado mesmo após perder várias vezes (estar “engatado”, no termo turfístico), caracterizou um rito de iniciação e, em alguma medida, a afirmação de entendimento de como funcionava o prado.

Os freqüentadores de mais idade, demonstraram-se mais abertos e simpáticos. Coube a um deles, o primeiro ato de aproximação: “Como é que tão te tratando?”, perguntou. Mais tarde, esclareceriam que o “trato” era dado pelos cavalos, e medido pelo saldo positivo ou negativo de acertos do turfista-apostador.

O turfista-apostador dispõe de um programa de cada hipódromo. Nos hipódromos internacionais este programa consiste no horário de largada, os cavalos inscritos em cada páreo e seu respectivo peso e jóquei, consta ainda o valor da bolsa de premiação, a distância da corrida, tipo de piso da prova (grama ou areia) e o rateio, que é o valor que cada cavalo irá pagar caso vença. O rateio é atualizado em tempo real nos televisores, fator que é muito observado na hora do jogo. Se

paga pouco, o que constitui favoritismo, atraem um tipo de turfista-apostador, já aqueles que pagam mais, os “azarões”, atraem outra parcela. Cada turfista-apostador prioriza um conjunto destes aspectos.

O turfista-apostador que quiser mais informações, um maior detalhamento de características pode comprar a chamada revista, um retrospecto completo dos cavalos inscritos em cada corrida com tempos, colocações, últimas atuações, medicamentos consumidos, etc. Os “catedráticos”, como são conhecidos os turfistas-apostadores considerados mais estudiosos, não dispensam a “revista”.

Quando fala-se em qualquer tipo de jogo, geralmente vêm a tona questões relativas a compulsão por jogos de alguns indivíduos, através da máxima “o jogo vicia”. Nas idas a campo, verificou-se que essa questão é tratada com um pouco de desdém pelo turfista-apostador. Apesar de vários assumirem-se como “viciados em carreiras” deixam a impressão que não levam isso a sério, chegando a ironizar seu “vício”. Por outro lado, proferem recomendações de cuidado com o jogo, justamente por considerá-lo viciante. Por vezes, comentam que determinado turfista-apostador anda perdendo muito pelo fato de ser viciado, ou que algum deles costuma pegar dinheiro emprestado para jogar. Ou seja, existem comportamentos que não são considerados saudáveis.

Com o passar do tempo e das observações ficou claro que o turfe é um jogo que tem lógica própria, lógica extremamente complexa pelo número de variáveis que devem ser utilizados para sua análise, mas dão a certeza que há algo maior que uma simples corrida de cavalos onde ganha o mais rápido. Isso é evidenciado pelos próprios turfista-apostadores, que após cada páreo buscam uma explicação, uma motivação para suas (e de seus cavalos) vitórias e derrotas. Mesmo que a discussão não dure até o tempo de largada do próximo páreo, mesclando revolta, resignação ou (retraída) alegria¹, desenha-se um jogo conceitual no qual o turfista-apostador atinge um nível de protagonismo importante quando acerta, já que alcança a compreensão do evento que ocorrerá. Isso aumenta seu status à medida que o resultado é mais improvável e o número de vencedores menor. E diminui conforme vai perdendo. As posições, em se tratando de status, tornam-se temporárias.

Acrescenta-se a isso, que o turfe também não é uma roleta, onde a finalidade é faturar pela sorte. Nem por isso o dinheiro é um aspecto menos importante entre os turfista-apostadores, bem pelo contrário. O dinheiro funciona como ficha para jogar: quanto mais se ganha, mais se joga e não o contrário; percebe-se que o prazer está no jogo. Quando ganha-se é mais fácil jogar, há dinheiro e conforto para fazê-lo, é melhor jogar; o jogo pelo jogo é fim último e verdadeiro do turfista-apostador. A comparação e busca de equiparação perda/ganho acaba por servir de justificativa para o jogo. É neste ponto que o jogador viciado/patológico se diferencia dos demais (recreativos) ao buscar recursos que estão fora de sua realidade financeira para jogar.

Finalmente, temos um interessante panorama entre finanças e significado do seu uso em Weber (1963 apud Geertz, 1989) ao afirmar que “a imposição do significado na vida é o fim principal e a condição básica da existência humana, esse acesso à significação compensa amplamente os custos econômicos envolvidos”.

¹ Entre turfista-apostadores mais experientes, a comemoração da vitória é contida na maioria das vezes, seja para evitar a “secação” dos que perderam, para manter a discrição ou simplesmente porque ganham tanto quanto perdem.

4 CONCLUSÃO

A investigação preliminar abordou ao longo de todo período um jogo que absorve, tanto por dinheiro e status, quanto pela complexidade e quantidade de aspectos que podem ser observados (cavalo, jóquei, grama ou areia, distância, filiação, peso, treinador, criador, rateio...). Ao mesmo tempo, mas por outro lado, a busca do turfista-apostador em absorver todas essas variáveis, em controlar através de seus conhecimentos as possibilidades que envolvem cada páreo, não permitem excluir sua centralidade deste universo, independente de (in)sucesso em concepção do jogo/aposta. O desafio que se impõe a partir dessa primeira análise é o de aprofundar a interpretação desse universo, bem como diferenciar e interpretar as várias categorias que compõem o universo turfístico pelotense.

5 REFERÊNCIAS

ERIKSEN, Thomas Hylland; NIELSEN, Finn Sivert. **História da Antropologia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2010.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOMES, Mércio Pereira. **Antropologia : ciência do homem : filosofia da cultura**. São Paulo: Contexto, 2008.